

EDUCAÇÃO FÍSICA E A RELAÇÃO DOS SUJEITOS COM O MUNDO: UM PROJETO DE ENSINO SOBRE SENSIBILIDADES

EDUCACIÓN FÍSICA Y LA RELACIÓN DE LOS SUJETOS CON EL MUNDO: UN PROYECTO DE ENSEÑANZA SOBRE LAS SENSIBILIDADES

PHYSICAL EDUCATION AND THE RELATIONSHIP OF SUBJECTS WITH THE WORLD: A TEACHING PROJECT ABOUT SENSITIVITIES

Julia Braga Nascimento¹

Giovanna Camila da Silva²

RESUMO

O trabalho propõe uma Educação Física escolar que prioriza a sensibilidade como um elemento essencial na formação de alunos e no ambiente educacional. Com base em experiências do chão da escola e a partir de uma revisão teórica, o estudo destaca a necessidade de se romper com práticas autoritárias e disciplinadoras que inibem emoções e relações humanas no espaço escolar. Para tanto, foi realizada uma pesquisa-ensino qualitativa através de um projeto de ensino intitulado “Sinto, logo sou”, com três turmas do 1º ano. Dividido em três eixos – “Jogo Limpo”, “Eu e as Diferenças” e “Emoções” –, o projeto teve o objetivo de realizar reflexões e construir relações mais sensíveis e humanas. Este estudo aponta que propostas colaborativas e um olhar cuidadoso para as diferenças e emoções dos alunos podem transformar conflitos em oportunidades de aprendizagem e fomentar um ambiente escolar mais inclusivo. Além disso, reforça a relevância de práticas pedagógicas que valorizem a sensibilidade como pilar para uma educação transformadora. Este trabalho contribui, ainda, para o campo da Educação Física, ao propor um projeto pedagógico que prioriza a humanização, a valorização das diversidades e a construção de relações significativas no contexto escolar.

Palavras-chave: Sensibilidade; Projeto de Ensino; Educação Física.

RESUMEN

El artículo propone una Educación Física escolar que prioriza la sensibilidad como elemento esencial en la formación del alumnado y en el entorno educativo. Basado en las experiencias escolares y una revisión teórica, el estudio destaca la necesidad de romper con las prácticas autoritarias y disciplinarias que inhiben las emociones y las relaciones humanas en el entorno escolar. Para ello, se realizó una investigación docente cualitativa a través del proyecto docente “Siento, Luego Soy”, con tres clases de 1.er grado. Dividido en tres ejes: “Juego Limpio”, “Yo y las Diferencias” y “Emociones”, el proyecto buscó promover la reflexión y construir relaciones más sensibles y humanas. Este estudio indica que las actividades colaborativas y una mirada atenta a las diferencias y emociones del alumnado pueden transformar los conflictos en oportunidades de aprendizaje y fomentar un entorno escolar más inclusivo. Además, refuerza la importancia de las prácticas pedagógicas que valoran la sensibilidad como pilar de una educación transformadora. Este trabajo también contribuye al campo de la Educación Física al proponer un proyecto pedagógico que prioriza la humanización, la valoración de la diversidad y la construcción de relaciones significativas en el contexto escolar.

PALABRAS CLAVE: Sensibilidad; Proyecto Didático; Educación Física.

¹ Especialista em Educação Física Escolar pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora de Educação Física da Rede Municipal de Belo Horizonte.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora do Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais.

ABSTRACT

The work proposes a school Physical Education that prioritizes sensitivity as an essential element in the training of students and in the educational environment. Based on the author's personal experiences and starting from a theoretical review, this study highlights the need to break up with authoritative and disciplinary practices that inhibit emotions and human relationships in the school environment. To this end, a qualitative research-teaching project entitled “Sinto, logo sou” (I feel, therefore I am) was carried out with three 1st grade classes. Divided into three strands – “Fair Play”, “Me and Differences” and “Emotions” - the project aimed to encourage reflection in order to build more sensitive and humane relationships. This study points out that collaborative activities and a careful eye for students’ differences and emotions can turn conflicts into learning opportunities and foster a more inclusive school environment. It also reinforces the importance of pedagogical practices that value the sensitivity as a pillar for a transformative education. This work also contributes to the field of Physical Education by proposing a pedagogical model that prioritizes humanization, valuing diversity and building meaningful relationships in the school context.

KEYWORDS: Sensibility; Researching-Teaching Project; Physical Education.

Introdução

O cuidado com a sensibilidade pode nos conduzir à percepção e à compreensão de nossos limites e possibilidades existenciais, de nossas fragilidades e forças, de nossas incompletudes, além de não nos tornar indiferentes às dores do mundo (ABBAGNANO, 1962 *apud* ARAÚJO, 2009). Entretanto, a dicotomia entre corpo e mente e a fragmentação do conhecimento que informam sistemas de ensino, investem não na formação multidimensionada do ser humano, e sim em um tipo de saber que prioriza a relação com o mundo a partir da intelectualidade. A ênfase na educação recai sobre os modos lógico-conceituais, ainda que nossa atuação cotidiana se dê com base nos saberes sensíveis e, na maioria das vezes, nós nem percebemos sua importância (DUARTE JÚNIOR, 2000).

O olhar para as sensibilidades na escola recai também sobre a relação professor-aluno. Uma educação do corpo pretendida por docentes muitas vezes ocorre de forma sutil nas escolas, quando, por exemplo, é esperado que os estudantes tenham ações elegantes, dóceis, exigindo-se deles a todo momento uma forma de organização rígida e disciplina. O que se assemelha com a chamada “pedagogia de rebanho”, que segundo Araújo (2009) pretende reduzir os indivíduos a seres bem-comportados, docilizados, controlados pelo aparato de leis e normas aprisionantes. No entanto, como apresenta Teixeira (2007), a relação entre docente e discente, mesmo que seja de forma autoritária, ainda pertence à ordem do humano:

Mesmo quando nela ocorrem atos de violência e de imposição de uma das partes, mesmo que porventura um dos polos se desumanize, ela pertence aos territórios do humano. Seja quando se realiza em processos

heterônomos – desumanizadores – ou quando se dá em processos de autonomia, seja como socialização, como subjetivação, como emancipação, a docência sempre diz respeito aos humanos, a seus encontros, desencontros, entendimentos e conflitos; às suas tensões e incompletudes. A seus devires (TEIXEIRA, 2007, p. 430).

Ao reforçar a ordem do humano, evidencia-se a dimensão contraditória que nos constitui como tal, nesse sentido, como afirma Taborda de Oliveira (2012), é necessário também considerar que as sensibilidades contêm ambiguidades:

(...) as sensibilidades e os sentidos comportam uma ambivalência que pouco lembramos: podem significar dor, sacrifício, desprazer, desespero. Em uma cultura que se esmera em propagar o hedonismo nas suas mais diversas formas, a definir a sensibilidade em termos absolutamente positivos, esse reconhecimento parece ser crucial. Afinal, como os campos de extermínio ou as ditaduras do um dia chamado Terceiro Mundo não produziram novas sensibilidades, não educariam os sentidos? (TABORDA DE OLIVEIRA, 2012, p. 3).

As contribuições de estudos sobre as sensibilidades e a condição docente expressa na relação com o discente contribuíram para a reflexão sobre as experiências de uma professora de Educação Física iniciante e sobre as vivências com turmas do 1º ciclo em uma escola municipal da rede de Belo Horizonte. A partir de práticas autoritárias e de excessivo controle percebidas em escolas e de tensionamentos vivenciados com alunos, desenvolveu-se uma pesquisa a qual indagou sobre a constituição das sensibilidades na escola. O objetivo do estudo em pauta neste artigo foi constituir relações sensíveis com e entre as crianças do 1º ano de uma escola municipal de Belo Horizonte, durante as aulas de Educação Física, não de modo a romantizá-las, mas encarando-as como dimensões do humano. Também como propósito do estudo, procurou-se construir com as crianças momentos de cuidado.

A escolha da dimensão sensível se deu pelo fato de ela ser essencial para a formação dos indivíduos, pois “(...) emerge de um contato direto e íntimo com o corpo, é capaz de gerar uma nova maneira de se relacionar consigo mesmo, com os outros e com o mundo” (BOIS e AUSTRY, 2008, p 1). Essa dimensão pode influenciar a relação entre os alunos, permitindo-lhes compreender melhor seus colegas, reconhecer a importância dos tensionamentos nas relações e aprender a dialogar para construir comunicações menos violentas, visto que esse tipo de comunicação, segundo Rosenberg (2006) *apud* Lima e

Nascimento (2019) fortalece a capacidade de continuarmos humanos, mesmo em condições adversas. Para ele, é preciso que o outro saiba como nos sentimos e o que esperamos dele, bem como também saber como o outro se sente. Em relação aos professores, a produção de múltiplas sensibilidades na escola pode também contribuir para reflexões que questionem a disciplinarização dos corpos como recurso educativo privilegiado.

A construção do estudo

O meu fazer docente hoje diz muito sobre a minha identidade e se entrelaça com a temática escolhida para a pesquisa. Nas escolas em que lecionei e leciono, sou vista como a professora “boazinha”, além de ser aquela que não consegue impor limites aos seus alunos. Isso também se reflete no ambiente familiar, em que duvidavam da minha capacidade de lecionar e diziam que eu teria que me impor para conquistar o respeito dos meus alunos. Acredito que meus familiares ainda tenham a concepção de uma educação tradicional, em que aqueles professores rígidos eram os verdadeiramente respeitados pelos alunos. No entanto, mesmo assim, faço o exercício de tentar buscar uma linguagem não violenta, o diálogo sensível e tento respeitar os meus próprios limites e os dos meus alunos.

Minhas primeiras experiências docentes foram constituídas no Programa Escola Integrada da Prefeitura de Belo Horizonte, em que era responsável por uma oficina de danças brasileiras. No contexto escolar em que estava inserida, percebi que nós, osicineiros, ao nos depararmos com momentos de conflito entre os alunos, recorriamos ao uso de uma linguagem violenta para que estes obedecessem: gritávamos e éramos agressivos na resolução dos problemas apresentados. Parecia que, diante de relações de tensão entre alunos e de demandas discentes, faltava o diálogo para compreendê-los e ajudá-los. Em seguida, tornei-me professora do 1º ciclo em uma escola da Rede Municipal de Belo Horizonte. Nessa nova instituição, observei um maior cuidado com as crianças, inicialmente compreendido como atenção, mas ao longo da minha presença no cotidiano escolar percebi que poderia ser também um modo de controle. Assim, o conjunto das minhas experiências docentes nas duas escolas me mobilizou a realizar um movimento de leitura e reflexão sobre as relações construídas no ambiente escolar e a construir uma pesquisa que tomou como objeto a constituição de sensibilidades na escola.

O estudo é de caráter qualitativo pois pretendeu investigar, nas aulas de Educação Física, a formação das relações dos alunos consigo mesmos, com os outros e com o mundo, de forma sensível. Segundo Minayo (2019), pesquisas qualitativas trabalham com o universo da produção humana, ou seja, o mundo das relações, das representações e da intencionalidade, que dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos. O estudo é também uma pesquisa-ensino, uma vez que das ações como professora investiga-se também a prática docente (Penteado; Garrido, 2010 apud Zaidan et al., 2018).

Tomando como base a concepção de Caldeira (2002) de que a elaboração de um projeto de ensino tem como um dos pilares um conhecimento crítico da realidade escolar, foi elaborado e desenvolvido um projeto de ensino com base nas problemáticas sobre as relações e as sensibilidades vivenciadas na escola. O projeto de ensino foi intitulado “**Sinto, Logo Sou**” e baseado em reflexões de que somos seres sensíveis e, para entendermos o mundo e nos compreendermos, precisamos senti-lo.

Desenvolvido com três turmas do 1º ano de uma escola municipal de Belo Horizonte, o projeto teve duração de quatro meses. Cada turma possui duas aulas de Educação Física na semana, com 60 minutos cada. Aos alunos foi entregue o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, e às famílias, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido sobre a pesquisa. Em relação aos alunos, a maioria concordou em participar da pesquisa. Contudo, no caso dos pais, após um árduo trabalho de três tentativas de envio dos termos pelos alunos e contato direto por telefone da escola com os responsáveis, 15 alunos não tiveram os termos assinados, de um total de 75 alunos.

O projeto de ensino foi organizado em três eixos: **Jogo Limpo** (10 aulas), **Eu e as Diferenças** (9 aulas) e **Emoções** (4 a 5 aulas). As aulas de **Jogo Limpo** tiveram como intenção o trabalho com a construção de sensibilidades, a partir das dimensões de respeito, honestidade, colaboração e cuidado. A proposta alinhou-se a Guimarães et al. (2001), que evidenciaram situações vivenciadas nas aulas de Educação Física, como os conflitos provocados pelo contato físico, o aprendizado da competição e da colaboração, o enfrentamento da derrota e do sucesso. Durante essa temática, contamos com o acompanhamento da psicóloga e da assistente social da escola, que realizaram apontamentos e sugestões. Tornaram-se também assistentes da pesquisa, registrando

fotos e vídeos durante as aulas. No entanto, esse acompanhamento não foi contínuo devido ao aumento das demandas escolares no final do ano.

As aulas do eixo **Eu e as Diferenças** exploraram diferenças nas habilidades dos alunos, o cuidado com os colegas, as diferenças de gênero e etnia, e os corpos com deficiências. O propósito foi trabalhar contra os preconceitos, pois, como apresenta Oliveira (2006), as diferenças, sejam de gênero, físicas, de comportamento, de habilidade, de cor de pele ou de maneira de vestir, muitas vezes são parâmetros para desigualdade de oportunidades, preconceitos e sectarismos pautados por estereótipos. Assim, essas temáticas foram escolhidas para mostrar para os alunos que o que muitas vezes é considerado como defeito, como falha, como algo minorizado, são, na verdade, marcas de identidade que tornam cada indivíduo único.

Já no eixo **Emoções**, inspirado em Prodócimo et al. (2002), foram trabalhadas situações como a escolha de equipes, disputas por materiais, sentimentos de êxito e fracasso, e situações de provocações, uma vez que eram circunstâncias em que se observava maior tensão entre os alunos.

Ao final de cada temática do projeto *Sinto, Logo Sou*, foram desenvolvidos recursos visuais e narrativos para registrar e refletir sobre as vivências dos alunos. Criaram-se murais fotográficos por turma, um jogo da memória com frases problematizadoras e, por fim, tirinhas em quadrinhos baseadas nas experiências de cada grupo. Todo o material foi reunido em um álbum, promovendo sensibilidades nos que o visualizaram.

Quadro 1: Projeto de Ensino “Sinto, logo sou”

Projeto “Sinto, Logo Sou”
<p>Introdução</p> <p>O projeto de ensino propõe trabalhar, nas aulas de Educação Física, as relações dos alunos consigo mesmos, com os outros e com o mundo de forma sensível, entendendo os conteúdos como oportunidades para compreender e intervir na realidade (CALDEIRA, 2002). Considerando as ambivalências presentes nas práticas corporais, a proposta busca valorizar uma perspectiva mais humana que contribua para a construção de novas relações com o corpo no ambiente escolar.</p>

<p>Pergunta(s) problematizadora(s)/orientadora(s)</p> <p>1. Como mostrar que a disciplinarização não é o único recurso na educação dos corpos?</p> <p>2. Como eu, professora, posso intencionalmente constituir relações sensíveis que não sejam românticas, e sim humanas, nas aulas de Educação Física?</p>		
<p>Justificativa</p> <p>No trabalho docente com crianças, as intervenções muitas vezes visam disciplinar os corpos, associadas a posturas autoritárias que, segundo Prodócimo (2002), buscam manter a autoridade, mas acabam transmitindo que emoções e afetos não cabem na escola. O projeto, nesse sentido, propõe refletir sobre alternativas a essa lógica, valorizando a educação das sensibilidades por meio das práticas corporais.</p>		
<p>Objetivo</p> <p>Constituir relações sensíveis nas aulas de Educação Física.</p>		
<p>Desenvolvimento</p> <p>Eixo <i>Jogo Limpo</i></p>		
Aula	Objetivos	Desenvolvimento Metodológico
1	Aprender sobre colaboração e coletividade	Jogos colaborativos: corrida em dupla de mãos dadas; corrida com bambolês em equipe; Mamba Negra (pega-pega coletivo formando serpente).
2	Aprender sobre os esportes e suas Ambiguidades	Exibição de vídeos de condutas esportivas e antidesportivas; questionário sobre atitudes; jogos com e sem árbitro para refletir sobre respeito e regras. https://www.youtube.com/watch?v=reW7mOSWzYY https://www.youtube.com/watch?v=helXtzTVGiQ
3	Observar as semelhanças e diferenças comportamentais nos jogos	Os alunos jogarão uma partida de Futebol. Será observado como eles se portam nos jogos, os tensionamentos, os conflitos, como eles tratam os colegas durante o jogo, como eles tratam a

	colaborativos e no futsal	professora. E um momento de diálogo sobre o comportamento dos alunos durante a aula.
4	<p>Aprender o que é <i>Fair Play</i>;</p> <p>Discutir situações-problema vivenciadas nas aulas da Educação Física.</p>	<p>No primeiro momento será apresentado para os alunos o conceito de <i>Fair Play</i>. Posteriormente será apresentado a eles uma apresentação com as fotos e vídeos das aulas dos jogos colaborativos e do futebol para analisarmos os comportamentos e atitudes nas duas aulas.</p> <p>://wordwall.net/pt/resource/15093143/fair-play-no-esporte-e-na-vida</p>
5	Compreender a funcionalidade dos Árbitros	Será realizado um jogo com os alunos em que eles mesmos serão os árbitros e depois um jogo sem a arbitragem. Posteriormente discutiremos como foi a ocorrência dos jogos.
6	Respeitar as regras do jogo	<p>Jogo de Rouba-Bandeira</p> <p>Será combinado com alguns alunos que eles serão antidesportivos e roubarão mais de uma bandeira, outros, mesmo sendo pegos, fingirão que não foram pegos e continuarão brincando.</p> <p>Após a realização desse jogo, discutiremos quais são as regras do jogo, por que existem regras, se elas foram totalmente cumpridas, e se as regras são importantes.</p>
7	Organizar o nosso Futsal	Pensar com os alunos em como respeitar os adversários e os colegas da mesma equipe e construir no quadro essas possibilidades. Os alunos decidirão sobre como organizar o futebol colaborativo. Assim, eles definirão as regras, se terão arbitragem ou não e torcida também.

8	Compreender a funcionalidade dos Árbitros	Será realizado um jogo com os alunos em que eles mesmo serão os árbitros e depois um jogo sem a arbitragem. Posteriormente discutiremos como foi a ocorrência dos jogos.
9	Construir o Mural de Fotos do Jogo Limpo	Durante todas as aulas de Jogo Limpo, serão registrados fotos das aulas, desenhos. Nessa aula será construído, juntamente com a professora, o Mural de fotos do Jogo Limpo.
<i>Eixo Eu e as Diferenças</i>		
10	Compreender se eu me movimento igual ao meu colega.	Aula de dança explorando ritmos e velocidades, em que os alunos serão jurados e avaliarão se os próprios colegas se movimentam de forma semelhante ou diferente.
11	Compreender se eu me preocupo com o outro.	Ginástica acrobática em duplas/trios; construção de pirâmides e reflexão sobre respeito e responsabilidade com os colegas que são base e no topo da pirâmide.
12	‘Jogar’ com as Diferenças (Gênero)	Brincadeiras com brinquedos socialmente associados a meninos e meninas; E debate sobre estereótipos de gênero.
13	‘Jogar’ com as Diferenças (Deficiências)	Aula de dança em que os alunos serão professores e alunos. Os professores terão de ensinar os alunos, que estarão de olhos fechados. Os professores só poderão usar a voz, depois só o tato, para ensinar os movimentos. No segundo momento será dialogado com os alunos sobre a deficiência visual e as possibilidades de se aprender a dançar.
14	‘Jogar’ com as Diferenças (Indígenas)	Apresentar aos alunos a História do <i>Boi Garantido e Caprichoso</i> . E ensinar as danças da Cunhã e do Pajé. https://www.youtube.com/watch?v=CQ7ma59SBn8 https://www.youtube.com/watch?v=M_uVqB_N12w

15	‘Jogar’ com as Diferenças (Africanas)	Apresentar o <i>Maracatu</i> para os alunos através de vídeos e depois experienciar na quadra, por meio dos movimentos básicos e de um desfile que eles poderão se movimentar da forma que desejarem.
16	Jogo da Memória	Os alunos brincarão com o Jogo da Memória com fotos e frases que representaram a unidade temática.
Eixo Emoções		
17	Lidar e refletir sobre a disputa de Materiais	No sentido de realizar provocações sobre a divisão de materiais. A professora entregará apenas um brinquedo (boneca, carrinho, peteca) para toda a turma e os alunos construirão coletivamente formas de brincar.
18	Lidar e refletir sobre êxito e fracasso	Discutir sobre os sentimentos da última aula através do jogo do <i>Wordwall</i> com os personagens do <i>Divertidamente</i> . Através das plaquinhas com os personagens das emoções do filme <i>Divertidamente</i> .
19	Lidar e refletir sobre provocações e agressões	Aula de Lutas através da brincadeira de tirar os pregadores https://www.youtube.com/watch?v=lmyt5oNeOsc https://www.youtube.com/watch?v=FB72f6EpZQQ
20	Lidar e refletir sobre frustrações	Fazer uma Listagem com os alunos das situações que causam frustração nas aulas (ex.: perder, não receber a bola, se machucar). E recriamos juntos, como se fosse um teatro, as cenas e pensaremos se há possibilidade ou não de resolução daquelas situações.
21	Lidar e refletir sobre criatividade	Serão entregues para os alunos materiais, e como eles poderiam ressignificar aquele material e realizar brinquedos. Dentro os materiais poderiam estar uma caixa de papelão papel, latas, garrafas, tampinhas.

22	Lidar e refletir sobre diversão	Discussão com alunos sobre o que é diversão; identificação das aulas mais divertidas; realização de uma aula planejada por eles.
23	Lidar e refletir sobre cuidado e solidariedade	Atividades de automassagem, alongamentos em duplas e massagens com o colega e Yoga. Ao final será discutido sobre o cuidado próprio e o cuidado com o outro, e com o ambiente.
24	Produzir tirinha em Quadrinhos	Será produzida uma tirinha em quadrinhos com as fotos dos alunos das aulas que foram trabalhadas a identidade do coletivo e potencialidades de cada turma
<i>Avaliação Final</i>		
25	Discutir como foi o desenvolvimento do projeto	Discutiremos como foi o desenvolver do projeto tanto para a professora quanto para os alunos. E apresentação do álbum de Memórias para todas as turmas.
<p style="text-align: center;">Avaliação</p> <p>A avaliação do projeto será processual, assim serão analisadas a presença e participação em cada construção dos conteúdos. Ao final de cada eixo será feita uma avaliação, a ideia é que no “Jogo Limpo” seja a construção de um mural de fotos pela turma, no “Eu e as Diferenças”, um jogo da memória e, nas “Emoções”, uma tirinha em quadrinhos.</p>		
<p style="text-align: center;">Síntese</p> <p>Será produzido um “Álbum de Memórias” de todo o processo, mas principalmente das atividades realizadas como finalização e avaliação de cada eixo.</p>		

Fonte: produzido pelas autoras

O registro das experiências foi realizado por meio de um caderno de campo, com anotações diárias complementadas por áudios gravados após as aulas e transcritos no *Google Keep*. Para organizar o processo pedagógico, também foram elaboradas planilhas com a distribuição temática e cronológica das aulas, ajustadas conforme as necessidades de cada turma. A construção das narrativas para a análise dos dados teve como base a abordagem autobiográfica, inspirada no trabalho de Dias (2020).

Narrando as relações sensíveis da meninada provocadas pela professora Jujuba

Era de costume ser assim: ao chegar ao portão da escola, ser recebida com muitos abraços, carinhos e a pergunta que não queria calar: “Você vai na minha sala hoje?” ou “Vai ter Júlia hoje?”. Essa mesma recepção calorosa se repetia todos os dias quando chegava à porta das salas do primeiro ano e os alunos descobriam que teriam aula de Educação Física. Nas três turmas em que era professora — as salas do “Clube”, “da Jujuba e da Shirlei” e a “Divertida”³ —, as crianças costumavam gritar e sair correndo das cadeiras para me abraçar. Às vezes tinha até que fechar a porta da sala para que as pedagogas finalizassem a aula e eu pudesse ingressar.

Após esse encontro na porta da sala, tinha como prática realizar dinâmicas para pedir silêncio, como “Olha a Bomba”⁴ ou “Quem está me escutando, coloca a mão na cabeça”⁵. A partir desse momento de concentração, costumava conversar com as crianças sobre os temas das aulas e o que fariam no dia. Com o projeto **Sinto, Logo Sou**, não foi diferente. No início de seu desenvolvimento, expliquei o que era o projeto e depois apresentei, a cada aula, as temáticas específicas de cada eixo. Embora o mesmo projeto tenha sido desenvolvido para as três turmas, cada uma apresentou suas singularidades, mas também demonstrou pontos em comum. Dessa forma, a apresentação e a análise dos dados ora privilegiam uma sala, ora abordam as turmas em conjunto, e foram organizadas considerando as particularidades e as recorrências das experiências sensíveis construídas no projeto, as quais serão narradas a seguir.

Jogo limpo

O primeiro eixo trabalhado no projeto foi o **Jogo Limpo**, abordando ética, respeito e cooperação nas aulas de Educação Física. Brincadeiras e o futebol foram mobilizados para incentivar o trabalho colaborativo entre as crianças. Inicialmente, nas brincadeiras

³ As turmas decidiram coletivamente os nomes que gostariam que fossem utilizados para identificar a sala na pesquisa.

⁴ É uma forma de pedir silêncio que aprendi em uma colônia de férias em que trabalhei. Eu falo “olha a bomba” e os alunos giram as mãos até chegar à cabeça e batem palmas falando alto o som “oooo cha”, e, posteriormente a essa brincadeira tem que fazer silêncio.

⁵ Esta é uma outra forma de pedir silêncio para os alunos, em que eu falo diversas partes do corpo para os alunos colocarem a mão e com isso eles dão atenção à minha fala e conseqüentemente ficam em silêncio.

desenvolvidas de corrida em duplas e com bambolês⁶, os alunos priorizaram a competição e a velocidade, ignorando a noção de coletividade que as propostas demandavam. Com ajustes nas explicações e intervenções pedagógicas, as crianças passaram a entender melhor as regras e a importância da cooperação, ajudando os colegas de seu próprio grupo e do adversário durante as atividades.

Já no futebol, os meninos demonstraram maior sensibilidade e cooperação do que em outras atividades, surpreendendo a professora ao jogarem sem brigas ou empurrões. Em reflexões feitas com fotos e vídeos produzidas pela professora das aulas, os alunos reconheceram falhas em seu comportamento coletivo e discutiram sobre suas emoções e aprendizados. A análise também mostrou uma diferença de gênero: os meninos cooperaram mais no futebol, enquanto as meninas enfrentaram dificuldades para dividir a bola no basquete, possivelmente por falta de familiaridade com esse esporte. Essa observação gerou uma reflexão sobre como a educação sensível pode revelar diferenças de gênero que precisam ser reconhecidas e trabalhadas pedagogicamente.

Nesse eixo havia também a intenção de despertar a dimensão do respeito, abrangendo o atenção às regras, aos colegas e à figura da professora. Inspirada em Tabora de Oliveira et al. (2014), foram propostas atividades que estimulassem reflexões sobre atitudes justas e respeitadas. Uma dessas atividades foi o jogo de rouba-bandeira, no qual, alguns alunos descumpriram regras e simularam situações para obter vantagem, gerando indignação entre os demais. A partir disso, foi realizada uma roda de conversa na qual os próprios alunos reconheceram os prejuízos dessas atitudes e refletiram sobre a importância de seguir os combinados.

Na sala Divertida, o tema do respeito surgiu novamente quando um aluno afirmou que todos eram "ruins" no futebol, exceto ele. A professora aproveitou a situação para discutir que a aula é um espaço de aprendizagem, explicando que aqueles que ainda não dominavam o esporte estavam apenas em processo de desenvolvimento. Essa conversa resultou em mudanças perceptíveis: a classificação de colegas como "ruins" deixou de ser usada como ofensa. Alinhado a Guimarães et al. (2001), o projeto de ensino partiu da compreensão de que ao invés de eliminar a competição dos jogos, o mais educativo é

⁶ A brincadeira é uma corrida de equipes em que cada grupo está posicionado em filas, e o objetivo é chegar até o outro lado entrando dentro dos bambolês. No entanto, todos os bambolês estão na linha de partida, e os alunos devem dividir o espaço dentro do bambolê. O último da fila sempre deve passar um bambolê para o primeiro da fila. Segue o link da turma da Jujuba e da Shirlei fazendo a brincadeira: <https://youtu.be/dcoQbFmBTiA>

promover o respeito mútuo entre vencedores e vencidos, valorizando o processo de aprendizado e as relações humanas no contexto esportivo.

Eu e as diferenças

As diferenças estão presentes na sociedade e, para trabalhá-las nas aulas, buscou-se abordá-las através das questões de gênero, de etnias e deficiências. Um dos exemplos mais marcantes foi o caso de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que inicialmente apenas observava as aulas. A partir de uma conversa com os colegas, surgiu a ideia de criar um jogo adaptado em que todos engatinhavam, que era a forma que ele gostava de deslocar nas aulas de Educação Física, possibilitando sua inclusão. A proposta foi bem aceita, e o aluno passou a participar mais, especialmente quando a atividade se assemelhava ao futebol, o que também promoveu maior interação com os colegas meninos.

Questões de gênero estavam presentes nas aulas ainda que não fossem objeto de intervenção intencional, mas, principalmente nas aulas com brinquedos culturalmente associados ao feminino e ao masculino, alguns meninos recusaram-se a brincar de casinha, o que levou a professora a questionar tais ações, pois “a postura docente é uma referência que define como meninas e meninos agem e se relacionam entre si” (ALTMANN, 1998, apud SOUSA e ALTMANN, 1999). Foi observado também que mais meninos aceitaram a casinha do que meninas o carrinho, de brinquedos “de meninos” apenas quando apresentam características femininas, o que é estimulado pela sociedade como mostra Martins e Serpa (2011). A professora se sentiu incomodada e fez uma discussão enfatizando que a Polly e a Barbie têm carros e motos, e que bonecas também dirigem, assim como as mulheres na vida real. Elas diante do exemplo aparentaram aceitar os argumentos, pelo fato de estarem relacionados com o universo em que elas brincavam. Além disso, a partir das fotos tiradas das aulas foi possível observar com os alunos que as meninas recebiam mais cuidado ao se machucar, enquanto meninos eram ignorados, reforçando estereótipos de fragilidade feminina e força masculina. Conforme Jacoby e Goellner (2020) tais representações são associadas a construções sociais baseadas em distinções biológicas naturalizadas. Assim, os alunos conseguiram reconhecer tais diferenças, e sentiram

magoados com tais situações, o que possibilitou reflexões e aulas sobre o cuidado com o outro.

A diversidade étnica foi abordada por meio de danças de matriz africana e indígena, como o Maracatu e o Boi Bumbá. No início, os vídeos dessas manifestações causavam estranhamento e preconceito, principalmente pelas vestimentas e movimentos. No entanto, os alunos acabavam se envolvendo, o que mostrou que o preconceito vinha do desconhecimento. A prática corporal, acompanhada de contextualização cultural, foi fundamental para promover o respeito à diversidade. Com o Maracatu, a professora buscou valorizar a identidade dos alunos negros da escola. Ao realizar desfiles simbólicos em que as crianças se colocavam como reis, rainhas e baianos, foram promovidas representatividade e liberdade de expressão corporal, abrindo espaço para o protagonismo infantil. O envolvimento foi tão significativo que uma aluna compartilhou sua relação familiar com o Congado. Assim, uma Educação Física que tenha como objetivo o combate aos preconceitos deveria levar em conta a importância de se apresentar e discutir com os alunos a estética da diversidade da cultura brasileira que, segundo Trojan (2004), é entendida:

Como expressão de identidade nacional, a estética da sensibilidade facilitará o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural brasileira e das formas de perceber e expressar a realidade própria dos gêneros, das etnias e das muitas regiões e grupos sociais do País. Assim entendida, a estética da sensibilidade é um substrato indispensável para uma pedagogia que se quer brasileira, portadora da riqueza de cores, sons e sabores deste País, aberta à diversidade dos nossos alunos e professores, mas que não abdica da responsabilidade de constituir cidadania para um mundo que se globaliza, e de dar significado universal aos conteúdos da aprendizagem (MELLO, CNE, 1998, p. 21, apud TROJAN, 2004, p. 441).

Emoções

A professora utilizou os personagens do filme *Divertidamente* para que os alunos expressassem seus sentimentos nas aulas. Eles relataram tristeza por brigas, exclusão e acidentes; medo de se machucar; alegria pelas brincadeiras e pela presença da professora; e raiva por xingamentos e desrespeito às regras. Esse trabalho permitiu que fosse realizada uma síntese do que foi o projeto, pois no eixo das *Emoções* foram trabalhadas temáticas específicas de cada turma, construídas através desse percurso. Isso ficou ainda mais

evidente com as histórias em quadrinhos de cada turma. Assim, na sala da **Jujuba e da Shirlei** ressoou a criatividade, na do **Clube**, o cuidado e a solidariedade, e na **Divertida**, a liberdade.

A criatividade na turma da **Jujuba e da Shirlei**, foi trabalhada com os alunos inventando novas brincadeiras, como um pique-cola recriado e jogos inspirados em personagens fictícios. Ao levar materiais recicláveis como latas, garrafas e potes, a professora promoveu a ludicidade e a ressignificação de objetos, o que gerou grande engajamento, inclusive de uma aluna com paralisia cerebral que pôde ser protagonista na aula pela primeira vez. Realizamos desafios propostos nas redes sociais, como jogar a garrafa pra cima e deixá-la cair em pé e esse vínculo com o universo midiático atual das crianças, também ajudou a aproximar o conteúdo das realidades vividas por elas.

O desejo por liberdade da sala Divertida também se tornou evidente quando os alunos demonstravam euforia ao chegar na quadra, o que levou a uma reflexão sobre a rigidez escolar. As práticas escolares da instituição investigada, como ausência de recreio e exigência de filas em momentos ‘livres’, reproduzem o que Araújo (2009) chama de “pedagogia de rebanho”, em que o objetivo é o controle dos alunos. Isso os aprisiona e os reduz a seres bem-comportados e dóceis, mas infelizes.

A sala do clube, era extremamente cuidadosa e atenciosa com a professora e também com os colegas. Eles se preocupavam quando um colega se machucava e até brigavam com quem era o agressor. Assim, no sentido de potencializar esse cuidado com o outro é que foram pensadas a aula de yoga, massagem coletiva e automassagem. E foi possível observar uma grande entrega dos alunos, seja de concentração, atenção consigo mesmo e com o outro,

O projeto de ensino teve ainda a intenção de trabalhar a frustração e agressividade. A frustração ocorreu especialmente na turma **Divertida**, queriam a qualquer custo ter a posse da bola de basquete, e não terem paciência de espera vez delas. Isso evidenciou a importância de acolher esse sentimento como parte do processo de aprendizagem e da formação das crianças, que hoje são influenciadas por uma sociedade imediatista. Assim, a professora propôs atividades com apenas um brinquedo por vez, a fim de observar as reações dos alunos. Com a peteca, surgiu forte competitividade, disputas até entre colegas da mesma equipe e necessidade de mediação para conter comportamentos agressivos. Já

com a boneca, os estudantes se envolveram de forma colaborativa, organizando juntos uma festa de aniversário e criando significados coletivos.

A agressividade nas aulas de Educação Física levou a professora a propor intervenções pedagógicas que transformaram conflitos em aprendizado coletivo, como no caso de um aluno que abordou a capoeira de forma belicosa, promovendo intervenções na turma de modo a pensar a luta não como violência. Inspirado em Prodócimo (2002), o projeto buscou alternativas como diálogo, reconstrução de regras e desenhos, o que gerou mudanças positivas, com alunos mais cuidadosos e colaborativos.

Considerações finais

O projeto *Sinto, Logo Sou* possibilitou aos alunos vivenciarem diversas sensações e, a partir delas, produzirem sensibilidades, aspecto relevante para a Educação Física, pois, como afirma Valter Bracht:

Assim, uma educação crítica no âmbito da Educação Física teria igual preocupação com a educação estética, com a educação da sensibilidade, o que significa dizer, “incorporação” não via discurso, e sim via “práticas corporais” de normas e valores que orientam gostos, preferências, que junto com o entendimento racional determinam a relação dos indivíduos com o mundo (Bracht, 1996, p. 26).

Essa perspectiva de educação estética foi trabalhada nos eixos “Jogo Limpo”, “Eu e as Diferenças” e “Emoções”, nos quais os alunos refletiram sobre o respeito, a colaboração e o reconhecimento das diferenças, os preconceitos, a agressividade e as frustrações. O diálogo e a escuta ativa foram fundamentais para mediar conflitos e criar estratégias mais afetivas de convivência. O projeto também despertou reflexões diárias na prática docente, mesmo diante de desafios como preconceitos arraigados na cultura escolar e contextos familiares que reforçavam a violência. Embora não resolva tais questões de forma definitiva, o trabalho com sensibilidades é capaz de tocar os alunos e provocar mudanças.

Além disso, houve um aprofundamento da parceria com a equipe interdisciplinar, que contribuiu para a implementação de momentos como o recreio, reforçando a importância do momento de lazer na escola. A inclusão de alunos com deficiência também foi fortalecida.

A produção do Álbum de Memórias, como avaliação final, permitiu revisitar e avaliar o percurso vivido, gerando reconhecimento e engajamento dos alunos. Por fim, o projeto mostrou que o trabalho não se encerra, mas sim se amplia para novas turmas e possibilidades, servindo como inspiração para outros professores refletirem sobre sua prática e sobre a importância da educação das sensibilidades na formação dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Miguel Almir Lima de. **Os sentidos da sensibilidade e sua fruição no fenômeno do educar.** Educação em Revista, 2009. (Disponível em: <https://www.scielo.br/ij/edur/a/7vPP3xsdcmLYkVChTdTd/abstract/?lang=pt#>). Acesso em: (20 jan.2025).

BRACHT, Valter. **Educação física no 1º grau: conhecimento e especificidade.** Revista Paulista de Educação Física, 1996. Disponível em: (<https://www.revistas.usp.br/rpef/article/view/139640>) Acesso em: (13 mar. 2025).

BOIS, D.; AUSTRY, D. “A emergência do paradigma do sensível.” **Revista @mbienteeducação**, Rio Grande, v. 1, n. 1, jan./jul., 2008.

CALDEIRA, A. M. S. **Elaboração de um projeto de ensino.** Presença Pedagógica, Belo Horizonte, v. 8, n. 44 (2002), p. 12-23.

DIAS, Aline Borges Moreira. **Formação continuada de professores (as) de Educação Física em Contagem/MG: narrar a experiência, escrever a aula.** Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, 2020.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível.** Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. 2000. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1588912> . Acesso em: 13 mar. 2025.

GUIMARÃES, Ana Archangelo et al. **Educação física escolar: atitudes e valores.** Motriz, São Paulo, 2001. Disponível em: (<https://friedrichrichter.wordpress.com/wp-content/uploads/2010/08/educacao-fisica-escolar-atitudes-e-valores.pdf>). Acesso em: (20 jan. 2025).

JACOBY, Lara Felix; GOELLNER, Silvana Vilodre. **A Educação Física em uma escola Militar: de turmas separadas por sexo e por altura a turmas mistas.** Movimento, Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: (<https://www.scielo.br/ij/mov/a/rDdd5YyrNDdnDHhyLkFkh6c/abstract/?lang=pt>) Acesso em: (20 jan. 2025).

NASCIMENTO, Júlia Braga. **Constituindo sensibilidades na educação física: um projeto de ensino com olhar humano.** 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Física Escolar) – Universidade Federal de Minas Gerais, Centro Pedagógico, Belo Horizonte, 2025.

LIMA, Marcos Antônio de; NASCIMENTO, Luiz Hermínio do. **Comunicação Não Violenta: reflexões sobre um novo método de abordagem e combate à violência verbal no ambiente escolar.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, set. 2019. Disponível em:

REVISTA ESCREVER DO CENTRO PEDAGÓGICO, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE - MG.

DOI: 10.5281/zenodo.17479004

(<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/comunicacao-naoviolenta>) Acesso em: 6 jun.2025).

MARTINS, Jacqueline Cristina Jesus; SERPA, EMEF Tenente Alípio Andrada. **Brincadeiras de meninas e brincadeiras de meninos: Podemos brincar juntos**. Relato de experiência, EMEF Tenente Alípio Andrada Serpa. São Paulo, 2011. Disponível em: (https://www.gpef.fe.usp.br/teses/jacque_10.pdf). Acesso em: (16 jan. 2025).

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2019. Disponível em: (<https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/748>). Acesso em: (6 julho. 2025).

OLIVEIRA, Rogerio Cruz de. **Educação física, escola e cultura: o enredo das diferenças**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP: 2006.

PENTEADO, Heloisa Dupas. **A relação docência/ciência sob a perspectiva da pesquisa-ação**. Em: PENTEADO, Heloísa Dupas; GARRIDO, Elisa (Orgs.). Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor. São Paulo: Paulinas, 2010. Disponível em: (https://repositorio.usp.br/single.php?id=001853237&locale=en_US&utm_source=chatgpt.com) Acesso em: (6 julho. 2025).

PRODÓCIMO, Elaine. **As emoções na educação física escolar**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. 2002.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. **Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar**. Cadernos Cedes, Campinas, 1999. Disponível em: (<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/WmskFBM75bMM855MZYhYvgb/>). Acesso em: (20 jan. 2025).

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda. **Como é possível educar sentidos e sensibilidades? in: Sentidos e sensibilidades: sua educação na história**. 1. ed. Curitiba: UFPR, v. 1 (2012), p. 7-19. Disponível em: (https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/63956?utm_source=chatgpt.com) Acesso em: (6 jul. 2025).

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. Da condição docente: primeiras aproximações teóricas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, p. 426-443, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/y6Mndr9brCyRzJRfKG49Qfb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: (29 set. 2026)

TROJAN, R. M. **Estética da sensibilidade como princípio curricular**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, 2004. Disponível em: (<https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/481>). Acesso em: (13 mar. 2025).